

ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DE MULHERES TRANSGÊNEROS: ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Recebido em: 18/09/2023

Aceito em: 20/10/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i10.2023-021

Stephannia Borges Pereira¹
Johnatan Martins Sousa²
Marciana Gonçalves Farinha³
Jaqueline Rodrigues Stefanini⁴
Nathália dos Santos Silva⁵
Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos⁶
Sheila Araújo Teles⁷
Camila Cardoso Caixeta⁸

RESUMO: Objetivo: compreender os pontos positivos e negativos na assistência à saúde mental às mulheres transgêneros na atenção psicossocial. Método: pesquisa descritiva e exploratória qualitativa, com participação de três mulheres transgênero assistidas por três Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSad) de um município da região central do Brasil. Realizaram-se entrevistas individuais semiestruturadas, submetidas à análise de conteúdo temática. Resultados: pontos positivos são: bom relacionamento interpessoal, variedade de atividades terapêuticas, aceitação, atenção e respeito à singularidade das usuárias, a continuidade do cuidado em liberdade e o encaminhamento para o processo de transexualização. Os pontos negativos são: relacionamento interpessoal terapêutico ineficaz de alguns profissionais, tempo de acolhimento noturno reduzido e poucas atividades manuais. Considerações finais: a pesquisa evidencia que apesar das potencialidades do cuidado a mulheres transgênero, os pontos negativos reforçam que os profissionais que atuam em CAPSad necessitam de educação permanente em saúde pautada na lógica de cuidado psicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência à Saúde Mental; Mulheres; Pessoas Transgênero; Saúde Mental; Serviços Comunitários de Saúde Mental.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: stephanniab@gmail.com

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: johnatanfen.ufg@gmail.com

³ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: farinhamarciana@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências. Centro Universitário FacUnicamps. Hospital Estadual Dr. Alberto Rassi.
E-mail: jaquestefanini@gmail.com

⁵ Doutora em Enfermagem. Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: nathaliassilva@ufg.br

⁶ Doutora em Enfermagem. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).
E-mail: pauliemarcelly@gmail.com

⁷ Doutora em Ciências. Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: sheila.fen@gmail.com

⁸ Doutora em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: camilaccaixeta@ufg.br

ATTENTION TO THE MENTAL HEALTH OF TRANSGENDER WOMEN: POSITIVE AND NEGATIVE ASPECTS

ABSTRACT: Objective: to understand the positive and negative aspects of mental health care for transgender women in psychosocial care. Method: descriptive and exploratory qualitative research, with the participation of three transgender women assisted by three Psychosocial Care Centers for Alcohol and Drugs (CAPSad) in a city in the central region of Brazil. Semi-structured individual interviews were carried out, submitted to thematic content analysis. Results: positive points are: good interpersonal relationships, variety of therapeutic activities, acceptance, attention and respect for the uniqueness of users, continuity of care in freedom and referral to the transsexualization process. The negative points are: ineffective therapeutic interpersonal relationship of some professionals, reduced night care time and few manual activities. Final considerations: the research shows that despite the potential of care for transgender women, the negative points reinforce that professionals working in CAPSad need permanent health education based on the logic of psychosocial care.

KEYWORDS: Mental Health Care; Women; Transgender People; Mental Health; Community Mental Health Services.

ATENCIÓN A LA SALUD MENTAL DE LAS MUJERES TRANSGÉNERO: ASPECTOS POSITIVOS Y NEGATIVOS

RESUMEN: Objetivo: comprender los aspectos positivos y negativos de la atención a la salud mental de mujeres transgénero en la atención psicosocial. Método: investigación cualitativa descriptiva y exploratoria, con la participación de tres mujeres transgénero asistidas por tres Centros de Atención Psicosocial para Alcohol y Drogas (CAPSad) en una ciudad de la región central de Brasil. Se realizaron entrevistas individuales semiestructuradas, sometidas a análisis de contenido temático. Resultados: los puntos positivos son: buenas relaciones interpersonales, variedad de actividades terapéuticas, aceptación, atención y respeto a la singularidad de los usuarios, continuidad de la atención en libertad y derivación al proceso de transexualización. Los puntos negativos son: relación interpersonal terapéutica ineficaz de algunos profesionales, tiempo reducido de atención nocturna y pocas actividades manuales. Consideraciones finales: la investigación muestra que a pesar del potencial de atención a mujeres transgénero, los puntos negativos refuerzan que los profesionales que actúan en el CAPSad necesitan educación permanente en salud basada en la lógica de la atención psicosocial.

PALABRAS CLAVE: Atención a la Salud Mental; Mujer; Personas Transgénero; Salud Mental; Servicios Comunitarios de Salud Mental.

1. INTRODUÇÃO

Entender a análise de gênero em saúde é fundamental para a transversalização do tema. É necessário considerar toda forma de expressão sexual além da perspectiva biologicista, levando em consideração a amplitude e contexto que envolve esse fenômeno (FIDELIS et al., 2022).

A identidade de gênero é compreendida como uma condição histórica e social, intimamente relacionada com a subjetividade de cada pessoa que deve ser respeitada (FIDELIS et al., 2022). Trata-se de uma expressão em que a identidade é construída a partir de como a pessoa se reconhece e/ou se apresenta, que pode corresponder ou não ao sexo biológico. Pessoas transexuais, mulheres e homens, não se identificam com seu sexo biológico nem com as suas atribuições socioculturais (OPAS, 2018).

A possibilidade de exercer a sua identidade de gênero conforme o seu bem estar biopsicossocial pode acontecer por meio das alterações corporais realizadas com a hormonioterapia e/ou intervenção cirúrgica de redesignação sexual. Situações que exigem acesso aos serviços de saúde com iniciativas afirmativas dirigidas à diversidade da população (OPAS, 2018).

Essa relação entre o seu sexo e a gênero identidade, expõe a população transexual à condições de vulnerabilidade (ZUCHI et al., 2019; MARCHETTI; SAEKI, 2019). Dentre os obstáculos que as mulheres transexuais se deparam cotidianamente para o acesso aos serviços de saúde, destacam-se a ausência ou precarização de acolhimento, falta de respeito em relação ao uso do nome social, barreiras na acessibilidade ao processo transexualizador e médicos que se negam a atender esse público, o que prejudica a consolidação do cuidado humanizado e da integralidade da assistência (FIDELIS et al., 2022).

Questões de saúde mental como depressão, tentativa de suicídio e uso de substâncias psicoativas, bem como os números expressivos de assassinatos e episódios de violência escancaram a vulnerabilidade de travestis e transexuais no cenário da saúde. Associado a isso, o preconceito tem sido uma grande barreira para o acesso deste grupo aos serviços de saúde, o que requer uma agenda de direitos de cidadania para desconstruir práticas discriminatórias no contexto dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) (MONTEIRO; BRIGUEIRO; BARBOSA, 2019).

A atenção à saúde das pessoas que fazem uso problemático de álcool e outras drogas é garantida pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Trata-se de uma rede que articula os dispositivos de cuidado às pessoas com transtornos mentais e com problemas em decorrência do uso de drogas, bem como a seus familiares, nas suas diferentes necessidades. O Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPSad) é um dos serviços que compõem a RAPS, voltado para a assistência às pessoas que abusam ou são dependentes de álcool e outras drogas. Logo, o CAPSad atende um grupo diverso de pessoas com inúmeras necessidades de cuidado, incluindo questões de integridade física,

higiene corporal, alimentação, alojamento, bem como suporte jurídico, educacional e trabalhista (ROZA; SERRÃO; BASTOS, 2020; GRILLO et al., 2023).

Revisão integrativa da literatura que objetivou identificar evidências científicas sobre as violências de gênero perpetradas contra mulheres trans identificou violências de gênero diversas: sexual, física, verbal, psicológica e financeira perpetradas por familiares, desconhecidos, policiais, parceiros íntimos, conhecidos ou amigos e profissionais da saúde (SILVA et al., 2022), o que demonstra a importância de investigar como as equipes multiprofissionais prestam cuidado a esse grupo.

Diante do exposto, faz-se necessário compreender como a atenção à saúde mental é operacionalizada junto às mulheres transgênero na atenção psicossocial, visando promover a atenção integral, humanizada, centrada na pessoa, levando em consideração a diversidade. Neste sentido, espera-se que os resultados apontados tragam contribuições teóricas no que se refere ao cuidado a esta população e que as práticas do trabalho nos Centros de Atenção Psicossocial sejam de fato acolhedoras e eficazes. Nesta perspectiva, emergiu a seguinte pergunta de pesquisa: Quais os pontos positivos e negativos na atenção à saúde mental de mulheres transgênero atendidas no CAPSad?

Portanto, com o intuito de responder a essa indagação, delimitou-se o seguinte objetivo: compreender os pontos positivos e negativos na atenção à saúde mental de mulheres transgênero atendidas no CAPSad.

2. MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa. Foram seguidos os passos do guia Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ) para o relatório da pesquisa (SOUZA et al., 2021a).

O estudo teve como campo três CAPSad de um município da região central do Brasil e as residências do público-alvo. Foi feita a aproximação com o campo para a identificação das mulheres transgênero seguindo etapas operacionais e sequenciais.

Inicialmente foi realizada a busca pelos profissionais dos CAPSad que realizam atendimento às mulheres transgêneros. Posteriormente foram feitas buscas nos prontuários, identificando seis ao todo nos três serviços que pertenciam a mulheres transgênero, entretanto, algumas informações para contato estavam desatualizadas e com os números disponíveis foram feitos contatos telefônicos, obtendo sucesso com três mulheres transgêneros.

Dessa forma, participaram do estudo três mulheres transgênero que correspondiam aos seguintes critérios de inclusão: idade superior a 18 anos, que se autodeclararam mulher transgênero no acolhimento realizado no CAPSad e que possuíam vínculo em pelo menos uma atividade do serviço. Foram excluídas as mulheres afastadas da unidade de saúde por pelo menos um ano.

A coleta de dados transcorreu nos meses de julho e agosto de 2021, período que em decorrência do grande número de casos e risco de contaminação por COVID-19, os serviços incluídos no estudo reduziram os atendimentos à comunidade e as entrevistas aconteceram presencialmente, conduzidas por questões disparadoras e tiveram duração média de 177 minutos.

Para análise das entrevistas utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), seguindo as etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: inferência e interpretação. Inicialmente foi feita a seleção do material a ser analisado, seguida da leitura flutuante dos dados para a elaboração das hipóteses iniciais. Posteriormente foi feita a codificação através da identificação das unidades de registro e contexto que foram agrupadas por semelhança para a formulação dos núcleos de sentido. Por fim, foram construídas as categorias resultantes do processo analítico.

O projeto obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás com parecer favorável nº 2.358.818. Após esclarecimentos sobre a pesquisa, todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em conformidade com as recomendações da resolução 466 de 2012 e para garantir o anonimato, nomes fictícios foram utilizados, Gabriela, Bruna e Danielly.

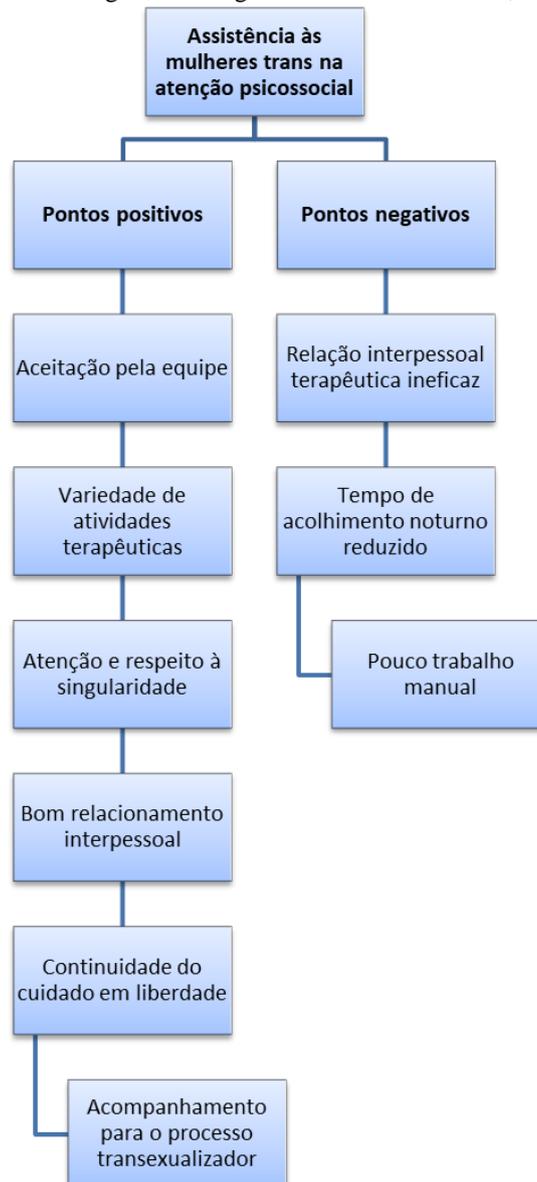
3. RESULTADOS

3.1 Caracterização Sociodemográfica

As participantes do estudo Gabriela, Bruna e Danielly tinham 33, 38 e 52 anos de idade respectivamente, estado civil casada, viúva e solteira, com ensino médio incompleto, ensino superior incompleto e ensino médio incompleto.

Do processo de análise de conteúdo, emergiu a categoria temática **Assistência às mulheres trans na atenção psicossocial**, contemplando duas categorias: 1. Pontos positivos e 2. Pontos negativos, como ilustra a árvore de códigos (Figura 1).

Figura 1 - Árvore de códigos das categorias do estudo. Goiânia, Goiás, Brasil, 2021



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

3.2 Categoria I: Pontos Positivos

Uma participante apontou que a aceitação pela equipe e usuários do CAPSad é um aspecto que influencia de forma positiva o cuidado em saúde mental na atenção psicossocial:

Uai, lá o meu tratamento, meu e das meninas tá indo bem... lá dentro tem uns que são meus amigos, que me curtem mais, que me aceitam, como já tem uns que não aceitam, mas como tem muito tempo que eu tô lá, se não tem 4 anos, vai fazer 4 anos, aí tipo assim, eu no meu tratamento, eu tô tendo meus problemas e entendendo o próximo assim né...

se eu chego lá toda feliz, toda espalhafatosa pra conversar com minha médica... (Danielly).

A variedade de atividades terapêuticas oferecidas pelos CAPSad é um atrativo para que as mulheres transgênero participem mais em seu tratamento no cenário da atenção psicossocial, como demonstra o relato: “Os pontos positivos, eu acho assim, que é bom atendimento, variedade de...de... como que eu te digo... de tarefas lá, atividades, esta variedade de atividades, não fica preso numa coisa só, toda segunda é uma coisa nova...” (Gabriela).

Atenção, e respeito à singularidade das usuárias, bem como o bom tratamento, com profissionais disponíveis para ouvir sem julgamentos para um acolhimento compreensivo, foi levantado como potencialidades da assistência nos serviços comunitários de saúde mental: “[...] lá eles me tratam bem, não tratam mal não...” (Danielly).

[...] os pontos positivos são, é... é a atenção né, primeiro lugar eu acho que todas as pessoas que chegam lá, chegam assim muito perdidas, com problemas, muito né, então é atenção de entender o que... que aquela pessoa está passando naquele momento, que as pessoas aqui fora não entendem e te olham com muito julgamento, com muita condenação, então se você já está se condenando tanto né, e você chega num lugar e você vê as pessoas te olharem sem julgamento sem condenação que estão ali para te ouvir [...]. (Bruna).

A continuidade do cuidado em liberdade por meio do prolongamento do tempo de acolhimento no CAPSad superior a 15 dias foi mencionada por uma participante como um ponto positivo para o processo de reabilitação psicossocial em relação ao tratamento ofertado pelas comunidades terapêuticas:

[...] você está num uso contínuo na intensidade quem tem a dependência, vai saber que 15 dias não vai resolver dele entendeu, eu preciso de no mínimo uns 3 meses desligado do universo que ele vive para ele poder sair com as ideias um pouco organizadas, no mínimo... eu falo no mínimo, eu acho que um tratamento a nível de CAPS, com um período desses, nossa, ia resolver muito mais problemas do que pegar e mandar uma pessoa para a comunidade terapêutica dessas que não tem essa atenção que o CAPS tem [...]. (Bruna).

O direcionamento e acompanhamento para a transexualidade, foi outro ponto positivo ressaltado por uma participante relacionado a assistência ofertada pela equipe do CAPSad: “Aí eu fui lá, conversando com a minha psiquiatra que me atendia lá, é...

comentei o meu desejo, ela me deu o encaminhamento, eu levei para a Secretaria de Saúde da minha cidade e aí, abriu a vaga no HGG para mim.” (Gabriela).

3.3 Categoria II: Pontos Negativos

O relacionamento interpessoal terapêutico ineficaz foi mencionado por uma participante como um fator negativo relacionado à assistência à saúde mental, como apontam os relatos:

[...] lá ... não tratam mal não... tratava assim no início... mas também uma pessoa que mexe com um tanto de doido né ela não pode sorrindo e se abrir igual uma mala pra todo mundo né, eu entendi isso depois... todo mundo lá implicava com a Maria, eu também já fui implicadíssima com Maria... (Danielly).

Tem horas que a gente tá ali e não quer o trabalho, mas por sobrevivência a gente precisa daquilo ali... mas tem horas que a gente não segura o que a gente tá sentindo, muitas vezes eu cheguei lá e a Maria foi assim, foi grossa, foi grosseira comigo... um dia ela foi tão grosseira [...]. (Danielly).

O tempo de acolhimento noturno reduzido emergiu no depoimento de uma participante como um aspecto negativo da assistência, pois após esse período, a usuária é encaminhada para outras instituições, o que prejudica o vínculo com o serviço comunitário de saúde mental: “Porque no CAPS ele pode ser até bem tratado, mas aí na hora que encaminha para uma... porque você sabe que o CAPS se ele não... porque o que que acontece, o CAPS ele não te dá mais de 15 dias né de acolhimento...” (Bruna).

A pouca implementação de atividades manuais e artísticas pela equipe multiprofissional com as usuárias, mesmo o serviço possuindo recursos materiais para essa finalidade, foi salientado como algo negativo no processo de reabilitação psicossocial:

[...] eu acho assim que se tivesse mais trabalhos manuais mais coisas relacionadas [...] a arte... a trabalhos manuais que eu te digo são artesanatos essas coisas, eu acho que seria melhor, porque no CAPS como eles dizem lá não recebem muito recurso para isso... (Gabriela).

4. DISCUSSÃO

À medida que avançam os aspectos positivos do movimento da Reforma Psiquiátrica e outras práticas inovadoras sobre os tratamentos disponíveis ao indivíduo em sofrimento psíquico, algumas práticas tradicionais persistem. Embora ressurgam novas

perspectivas quanto a compreensão, o tratamento, os limites, a assistência e a relação dos indivíduos que vivenciam transtornos mentais (SALLES; BARROS, 2013). Dentre os transtornos, os relacionados ao uso problemático de álcool e outras substâncias têm consequências sociais que atingem as mulheres que têm as suas especificidades. Essas mulheres, frequentemente, se deparam com os estigmas sociais e com a desaprovação pelo uso problemático de álcool e outras substâncias o que afeta a relação com a família, à acessibilidade ao contexto de saúde e os aspectos (SANTOS; ROMANINI, 2019; OPAS, 2018).

Entre os pontos positivos da assistência às mulheres transgênero, emergiu nos resultados o acesso à equipe multiprofissional sem discriminação e o bom relacionamento interpessoal que favorece o processo de reabilitação psicossocial. Adotar uma postura acolhedora é essencial para a construção de vínculo com essa população durante o tratamento, pois um estudo que objetivou conhecer a percepção de travestis e transexuais acerca do acesso e assistência em saúde, apontou que práticas discriminatórias ainda persistem (LOVISON et al., 2019), o que traz prejuízos para a adesão ao tratamento.

A diversidade de atividades terapêuticas no CAPSad foi outro fator que potencializa e amplia as possibilidades para assistência à saúde mental às mulheres transgêneros. A fala da participante Gabriela explicita a ideia de um cotidiano que traz a ela novas perspectivas com o tratamento, a partir da variedade de atividades envolvidas em seu PTS.

São diversos os recursos materiais utilizados pelas equipes dos serviços comunitários de saúde mental para ofertar o cuidado como instrumentos audiovisuais através de vídeos, a ludicidade por meio de jogos e pintura, materiais educativos para educação em saúde, testes rápidos, biblioterapia mediada pela leitura de textos e cartazes para psicoeducação (SOUSA et al., 2023).

Ademais, na perspectiva do CAPS o tratamento deve ir além dos aspectos clínicos, com diferentes opções de atividades, favorecendo o encontro entre as pessoas e a vinculação entre elas focando na Reabilitação Psicossocial para ampliar as possibilidades do indivíduo, baseado no Projeto Terapêutico Singular (PTS) (SALLES; BARROS, 2013).

Um relato das vivências de um estudante de enfermagem com o cuidado em saúde mental durante um estágio clínico com base nos dados de um PTS, desenvolvido durante 16 dias de prática em um Hospital Dia com base na teoria do relacionamento interpessoal e na reabilitação psicossocial, apontou que apesar das limitações do contexto de prática,

a curto prazo, em conjunto com uma usuária, um PTS alinhado ao processo do Relacionamento interpessoal terapêutico (RIT) e a Reabilitação Psicossocial, o estudante foi capaz de conduzir intervenções psicossociais em saúde mental alinhadas aos objetivos esperados e produzir significados que marcam o resgate do protagonismo da mesma diante da condição atual (SOUZA et al., 2021b).

A atenção e respeito à singularidade das mulheres transgênero foi outro aspecto vocalizado que influencia positivamente na assistência psicossocial. No cotidiano dos serviços o afeto possibilita criar novos modos de pensar e fazer rompendo o pensamento hegemônico, favorecendo outros caminhos e formas de subjetivação. Nessa perspectiva, reconhece-se os usuários como cidadãos autônomos com direitos e deveres e, não apenas uma pessoa que usa droga (ROMANINI; FERNANDES, 2018), pois a população de pessoas trans ainda vive marginalizada e sofre exclusão social vivenciando diversas dificuldades desde acesso à saúde como no exercício de cidadania (OLIVIERA; ROMANINI, 2020). Nessa perspectiva percebe-se que as políticas públicas apenas não garantem o acesso dessa população aos serviços básicos de saúde (COSTA-VAL et al., 2022).

A continuidade do cuidado em liberdade foi outro aspecto que emergiu na fala de uma participante que favorece o tratamento das mulheres transgênero no cenário da atenção psicossocial. Os CAPS propõem um tratamento respeitando a historicidade dos usuários. Nesta perspectiva, a rotina de cuidado oferecida nesses serviços deve se atentar para as diferentes formas de atenção à saúde mental, considerando um PTS focado na liberdade e na livre expressão dos usuários. É fundamental considerar e estimular o protagonismo no tratamento destas pessoas (SILVA et al., 2021).

Apesar da equipe do CAPS oferecer suporte para o processo transexualizador, e isso ser considerado um fator positivo no cuidado a essa população pelas participantes do estudo, na literatura científica são citados desafios para esse processo. Pesquisadores que analisaram os desafios ao acesso universal ao processo transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), serviço especializado de saúde que atende às demandas das pessoas transexuais para a transformação do corpo apontaram que um desafio é a distribuição geográfica dos programas, e número reduzido de serviços na rede, além de ausência de unidades na região Norte. Ainda há a discriminação e desrespeito ao nome social que dificulta o acesso aos serviços de saúde. Outro desafio é o diagnóstico de transexualismo já que muitos ainda se orientam por normas construídas para o gênero, o que impede o acesso aos serviços transexualizadores (ROCON et al., 2019).

Com relação aos pontos negativos elencados pelas participantes, apesar de considerarem o ambiente do CAPS como um local importante para sua sobrevivência e refúgio, a relação interpessoal terapêutica ineficaz por parte de alguns profissionais é um fator que prejudica o pleno êxito da assistência à saúde. A questão do preconceito quanto à orientação sexual dos usuários do CAPS em relação a outras, de acordo com as normas da sociedade, está envolta em um clima de tabus, preconceitos e opiniões valorativas (ZILLOTTO; MARCOLAN, 2019), que precisa ser desmistificado para não interferir na assistência ofertada a essa população.

O tempo reduzido para o acolhimento noturno foi outro ponto negativo para o cuidado levantado por uma participante. Um estudo realizado em um CAPS III com 15 profissionais de enfermagem teve como resultados que o acolhimento diurno ocorre com uma dinâmica diferente do acolhimento noturno, os profissionais pesquisados relataram ainda que possuem estratégias de intervenção em crise evitando a busca por outros serviços na rede, possibilitando que o CAPS atue dentro de uma modelo psicossocial, porém, essa modalidade de acolhimento depende exclusivamente da equipe de enfermagem, o que requer mudanças para promover assistência interdisciplinar (SILVA et al., 2020).

Por fim, o número reduzido de atividades manuais e artísticas foi outro ponto negativo que emergiu no relato de uma participante. Importante ressaltar que as pessoas denominadas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual (LGBTQIAP+) enfrentam dificuldades e barreiras. A patologização da experiência transsexual (CARAVACA-MOREIRA; PADILHA, 2015) além de um acolhimento deficiente ou ausente para essa população ainda ocorrem. Muitas vezes, os CAPS apresentam uma estrutura rígida com um funcionamento pouco flexível e pautados nos interesses dos técnicos e não na necessidade dos usuários para propor a oferta de atividades terapêuticas (FIGUEIRÓ; DIMENSTEIN, 2010), o que inviabiliza o cuidado centrado na pessoa e interfere na participação ativa dos usuários em seus próprios cuidados de saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao indagar sobre quais os pontos positivos e negativos na atenção à saúde mental de mulheres transgênero atendidas no CAPSad, este estudo permitiu ampliar a compreensão acerca dos aspectos que envolvem a assistência à saúde mental de acordo com a perspectiva de mulheres transgênero atendidas em CAPSad, revelando que os pontos

positivos são o bom relacionamento interpessoal, a variedade de atividades terapêuticas oferecidas pelo serviço, a aceitação, atenção e respeito à singularidade das usuárias pela equipe, bem como a continuidade do cuidado em liberdade e o encaminhamento para o processo de transexualização. Já os pontos negativos foram o relacionamento interpessoal terapêutico ineficaz por parte de alguns profissionais, tempo de acolhimento noturno reduzido e poucas atividades manuais.

Este estudo traz contribuições significativas para o campo assistencial, para a sociedade e para a academia, pois evidencia o cuidado centrado na pessoa, levando em consideração a diversidade e as relações éticas, que devem ser transpostas para além dos serviços de saúde abrangendo toda a sociedade e contribuindo para a formação de novos profissionais de saúde. Sabe-se que as fragilidades precisam ser superadas para atribuir uma maior qualidade na assistência, o que requer processos de educação permanente em saúde das equipes multiprofissionais, formação acadêmica humanizada com o objetivo de ressignificar as práticas de cuidado.

A pesquisa realizada apenas com as mulheres transgênero é considerada uma limitação do estudo, pois a inclusão de demais atores sociais envolvidos no processo de reabilitação psicossocial proporcionaria uma maior riqueza na discussão da temática, como os profissionais e gestores do CAPSad, o que sugere a necessidade de realizar pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo: edição revista e ampliada**. São Paulo: Edições 70; 2016.
- CARAVACA-MORERA, J. A.; PADILHA, M. I. Despatologizando la semántica discursiva de la transexualidad. **Enfermagem em Foco**, v. 6, n. 1/4, p. 41-45, 2015. <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/575>
- COSTA-VAL, A. et al. The care of the LGBT population from the perspective of Primary Health Care professionals. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 2, 01-21, 2022. <https://scielosp.org/pdf/physis/2022.v32n2/e320207/en>
- FIDELES, F. F. et al. Assistência à saúde da mulher trans: fragilidades e desafios. **Revista Cereus**, v. 14, n. 2, p. 46-60, 2022. <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/3694>
- FIGUEIRÓ, R. A.; DIMENSTEIN, M. O cotidiano de usuários de CAPS: empoderamento ou captura? **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 431-446, 2010. Recuperado de: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4807>
- GRILLO, L. P. et al. Perfil epidemiológico dos usuários dos Centros de Atenção Psicossocial no sul do Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama**, v. 27, n. 5, p. 2583-2600, 2023. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i5.2023-028>
- LOVISON, R. et al. Travestis e transexuais: despindo as percepções acerca do acesso e assistência em saúde. **Enfermagem em Foco**, v. 1, n. 5, p. 167-172. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2370/0>
- MARCHETTI, S. P.; SAEKI, T. Social inclusion of drug users at a Service of Psychosocial Attention and Care to alcohol and drug addiction in a city in the State of São Paulo. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 15, n. 4, p. 01-08, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1058940>
- MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M.; BARBOSA, R. M. Transgender health and rights. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 4, p. 01-04, 2019. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csp/2019.v35n4/e00047119/en>
- OLIVEIRA, I.; ROMANINI, M. (Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 1, p. 01-14, 2020. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ZF5bCKnB9bp65ZQF7FcgrsF/>
- OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Guia para Implementação das Prioridades Transversais na OPAS/OMS do Brasil: direitos humanos, equidade, gênero e etnicidade e raça**. Brasília: OPAS, 2018. <https://iris.paho.org/handle/10665.2/49728>
- ROCON, P. C. et al. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transsexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface (Botucatu)**, v. 23, n. e180633, p. 01-14, 2019. <https://doi.org/10.1590/Interface.180633>
- ROMANINI, M.; FERNANDES, V. M. Os Processos de Autonomia no Cotidiano de um Caps Ad III: (Re)Pensando Práticas, (Re) Construindo Caminhos. **Diálogo**, n. 39, p. 09-23, 2018. <https://doi.org/10.18316/dialogo.v0i39.4046>

ROZA, C. N.; SERRÃO, T. S. M.; BASTOS, T. F. Desafios atuais do trabalho em CAPS AD: conservadorismo e retração da RAPS. **Revista Serviço Social em Debate**, v. 3, n. 2, p. 109-120, 2020. <https://revista.uemg.br/index.php/serv-soc-debate/article/view/4872/3561>

SALLES, M. M.; BARROS, S. Social representation of users of a Psychosocial Care Center and those in their social network on mental illness and social inclusion. **Saúde e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 1059-1071, 2013. <https://doi.org/10.1590/sausoc.v22i4.76500>

SANTOS, C. F.; ROMANINI, M. A. (In)Visibilidade de Mulheres Usuárias de Álcool e Outras Drogas em um CAPS AD III. **PSI UNISC**, v. 3, n. 2, p. 84-100, 2019. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i2.12972>

SILVA, A. J. M. et al. Grupos terapêuticos como ferramenta de cuidado: análise com usuários acometidos de transtornos mentais nos CAPS. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 7, n. 3, p. 01-10, 2021. <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/607>

SILVA, T. C. S. et al. Night Admission at a Psychosocial Care Center III. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 1, e20170964, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0964>

SILVA, I. C. B. et al. Gender violence perpetrated against trans women. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. suppl 2, p. 01-09, 2022. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0173>

SOUSA, J. M. et al. Mapeamento de recursos materiais de serviços comunitários de saúde mental para oferta da assistência psicossocial. **Perspectivas em Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 01-19, 2023. <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/67945>

SOUZA, D. M. Construction of mental health care based on the experiences of a nursing student. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, (Suppl 3), e20200401, 2021b. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0401>

SOUZA, V. R. et al. Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, n. eAPE02631, p. 01-09, 2021a. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>

SOUZA, D. M. et al. Construção do cuidado em saúde mental a partir das vivências de um estudante de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n.3 (Suppl), p. 01-06, 2021b. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0401>

ZILLOTTO, G. C.; MARCOLAN, J. F. Perception of sexuality in the perspective of the individual with mental disorder. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 87, n. 25, p. 01-06, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1025235>

ZUCCHI, E. M. et al. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. 01-13, 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00064618>